

FICÇÃO CIENTÍFICA E CONHECIMENTO: “FRANKENSTEIN”, DE MARY SHELLEY, COMO MAPA DE UM GÊNERO

JADE BUENO ARBO¹;
EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – jade.arbo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Ursula K. Le Guin, em seu ensaio intitulado *The carrier bag theory of fiction* (2019), concebe narrativas como bolsas ou garrafas: como coisas que contêm outras coisas, e misturam os elementos que carregam, bagunçando-os em combinações imprevisíveis. Pensar com Le Guin sobre o poder da literatura nos permite vislumbrar talvez o seu papel mais importante: o de ferramenta. Ao carregar ideias, carrega formas e significados, possibilitando com que outras formas e outros significados sejam criados a partir deles, disseminando outros conhecimentos sobre a realidade – como se fossem sementes – que podem ir além do muito disseminado conhecimento, como observou Haraway (2016), de como matar uns aos outros. Partindo dessa concepção de literatura, que nos permite vê-la como uma forma de agência que surge no encontro entre leitor e texto, e do entendimento de que algo de conhecimento é produzido por esse encontro, o presente trabalho, recorte de uma tese ainda em desenvolvimento, busca identificar na ficção científica o agir imaginativo necessário para “vivermos e morrermos bem uns com os outros” (HARAWAY, 2016).

Uma das hipóteses que norteia a tese é a de que a ficção científica, por ser um gênero que nasce justamente no momento em que a dominação da natureza pelo homem passa a ser tematizada a partir de uma concepção de ciência moderna, torna-se especialmente potente ajudar-nos a pensar não apenas sobre conhecimento e sobre ciência, mas também para ajudar-nos a produzir conhecimentos e ciências mais capazes de cultivar vidas humanas e não humanas. Dessa forma, o presente trabalho, inserido em um contexto de estruturação de uma forma de olhar para a ficção científica em sua manifestação literária de modo a acessar tais conhecimentos por ela produzidos, buscaremos compreender a obra fundadora da ficção científica, *Frankenstein*, de Mary Shelley, como sendo em si uma obra (literária) de engajamento e crítica da ciência moderna. Entendê-la dessa forma nos possibilita olhar para a capacidade e produtividade epistemológica do gênero que funda, e as formas pelas quais desafia a divisão rígida e hierarquizante entre Ciência e Literatura estabelecida pela tradição ocidental que parece tornar contraintuitiva a afirmação de que literatura é capaz de produzir conhecimento.

O foco principal deste trabalho, é, portanto, centralizar a análise de *Frankenstein* tanto como texto fundador da ficção científica como a conhecemos, como também contendo em si modelos de leitura importantes para a análise das obras que dela descendem. A análise dessa obra se configura, portanto, como a discussão teórico-literária inicial da tese da qual este trabalho é fruto, com base na qual buscarei explicitar as origens da ficção científica como um gênero inerentemente epistemológico, e assim atravessado pelos debates acerca do conhecimento e da possibilidade de acesso àquilo que se deseja conhecer. Dessa forma, a ficção científica tem especial capacidade para engajar criticamente com

aquelas crises do nosso presente as quais são fruto de uma separação entre a ciência e o humano, e entre o humano e a natureza.

2. METODOLOGIA

Para que possamos compreender a maneira pela qual a ficção científica, enquanto gênero artístico no geral, e literário em específico, se relaciona com a ciência e o conhecimento, fez-se necessário compreender como se estabelece a divisão entre Ciência e Literatura na tradição ocidental moderna. Para tanto, colocamos em diálogo a teorização de William Marx (2018) acerca dos desafios de definição do próprio literário, constantemente definido de forma negativa, a partir daquilo que não é. o texto responsável por catalisar uma visão de literatura como inerentemente separada (e inferior) à ciência, *The Two Cultures and the Scientific Revolution*, de C.P. Snow (1959). Engajamos também a epistemologia social e filosofia da ciência de Helen Longino (2002, 2022) para discutir questões importantes sobre a natureza (social) do conhecimento, e o que significa afirmar que a literatura o produz.

Tendo estabelecido tal plano de fundo teórico, examinamos a forma como *Frankenstein* desafia a dicotomia Ciência *versus* Literatura, colocando-se como um exercício filosófico-literário de crítica da ciência e de seus usos. Neste momento, especularemos sobre o que significaria, epistemologicamente falando, compreender a ficção científica nascida de Frankenstein como uma filosofia literária da ciência.

Tendo delimitado o que está em jogo em termos de epistemologia e filosofia da ciência, examinaremos o conteúdo da crítica Frankensteiniana da ciência para então, por fim, definirmos de que forma uma leitura epistemológica de Frankenstein nos permite construir uma estrutura de análise para acessar o conteúdo científico crítico na ficção científica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O exame das possíveis diferenças entre Literatura e Ciência, a partir da concepção de que uma produziria conhecimento e a outra não, leva-nos, neste estudo, a examinar as próprias concepções de conhecimento científico. A partir de Longino (2002, 2022), vemos que a ciência descrita como contraponto à literatura não é única, e, com frequência, as noções de “científico” utilizadas em discursos que contrastam a ciência como superior à literatura derivam de uma concepção tradicional de produção científica, que está longe de representar o todo das maneiras de se produzir conhecimento. Da mesma forma, os valores identificados nas práticas científicas feministas, ao contraporem os valores tradicionais pautados em um entendimento igualmente arcaico de racionalidade e objetividade, acabam por expandir nossa própria noção do que pode ser tido como produção de conhecimento. Considerando que os critérios para um bom juízo científico se encontram em noções de inovação, heterogeneidade, complexidade e aplicabilidade, quais outros fazeres – antes negados pelos critérios de consistência interna e externa, simplicidade e testabilidade – podem ser tidos como produtores de conhecimento? Entendido à luz da epistemologia para uma ciência viva a qual Longino propõe, uma concepção socializada de conhecimento, o conhecimento científico se difere em grau significativamente menor daquele elemento do qual buscou diferenciar-se por muito tempo: a literatura.

Frankenstein em específico é uma obra que, ao situar-se no centro das discussões sobre ciência, progresso e o custo humano do conhecimento no exato ponto de inflexão no qual a ciência toma os contornos que inspiraram as “duas culturas” de C. P. Snow, funda o próprio gênero da ficção científica para o qual também se configura como um mapa. Tendo situado esta obra no universo histórico, político, cultural e literário que trouxe consigo o estabelecimento de uma noção mais bem-delimitada de ciência, do cientista e de suas virtudes, voltamo-nos para os elementos aqueles que são característicos do fazer literário que nasce, tal qual sua criatura, das mãos de Victor Frankenstein.

Identificamos na obra centralizada neste estudo a articulação de binômios presentes nas discussões de sua época acerca da ciência e do conhecimento, mas sem estabelecer uma dicotomia insuperável entre eles. De encontro à dicotomização dogmática de seu tempo, Shelley explora, como buscamos demonstrar, a tensão e as continuidades entre cinco binômios principais: 1) ciência e natureza, 2) observação e interferência, 3) paixão e auto-abnegação, 4) vulnerabilidade e invulnerabilidade, 5) progresso e estagnação. Ao aproximá-los e explorar as áreas cinzentas entre eles, Shelley fornece uma maneira de ler o gênero que dela descende e uma maneira de ler o mundo: uma epistemologia do Prometeu moderno.

4. CONCLUSÕES

São muitos os elementos na bolsa de *Frankenstein*, e igualmente diversos os caminhos interpretativos. Os cinco binômios elencados por este estudo, entendidos, em conjunto, definidores da tradição que o romance de Mary Shelley inaugura, não significam que outros gêneros – outros formatos de bolsa – não lidem com tais questões à sua maneira. No entanto, o que buscamos afirmar é que uma bolsa/romance na forma de ficção científica, de SF, na acepção de Haraway (2016), coloca tais temas em diálogo de forma particularmente preocupada com o passado, o presente e, em especial, o futuro.

Ler romances de ficção científica como herdeiros de uma tradição de leitura do mundo inaugurada por Shelley é levar em consideração algumas especificidades desse gênero por circunstância de seu nascimento e de suas origens. Essa é uma escolha, informada porém arbitrária como todas as escolhas analíticas, feita com objetivo específico de capacitar nossa leitura das obras de ficção científica de forma a produzirmos conhecimento que nos torne responsáveis, capazes de resposta, capazes de agência diante de efeitos em cascata que surgiam em sua forma mais reconhecível naquele momento histórico em que o nascimento da ciência moderna, a renovação do colonialismo à guisa de exploração marítima, e o desenvolvimento tecnológico possibilitado e encorajado pelo capitalismo em sua primeira forma, a mercantil, para usar a terminologia de Nancy Fraser (2018), encontravam-se e formavam suas alianças.

Entendemos a proposição epistemológica de *Frankenstein* como a concepção de ciência e humanidades como fruto de uma mesma cultura, no sentido abrangente do termo. A ciência não escapa do humano, e nem deve isolar-se dele: as consequências estão nas páginas escritas por Mary Shelley. Por isso, passar por uma obra de ficção científica é ser permeado por reflexões acerca dos efeitos e consequências das nossas formas de conhecer e habitar o mundo. Os cinco binômios aqui estudados são fundadores, conforme nossa hipótese, da ficção científica como um gênero narrativo. Não serão, no entanto, os únicos, pois o tempo não será o mesmo. A ficção científica, a SF, é uma epistemologia que busca lidar, em um só tempo, com o presente, o passado e o futuro; mas é, irrevogavelmente,

uma epistemologia esperançosa. Seu objetivo, como a narrativa da epistemologia da ciência, é o melhoramento. Resta-nos engajarmos criticamente com os elementos de sua bolsa, e juntarmo-nos ao debate sobre o futuro que queremos e os mundos por vir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARAWAY, D. J. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

LE GUIN, U. K. **The carrier bag theory of fiction**. London: Ignota, 2019.

LONGINO, H. **The fate of knowledge**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2002.

LONGINO, Helen; HADDAD, Yasmin Leonardos; ARBO, Jade Bueno; et al. Filosofia da ciência e epistemologias feministas: entrevista com Helen Longino. **Em Construção**, n. 10, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/62842>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

MARX, W. **The hatred of literature**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.

SNOW, C. P. **The Two Cultures and the Scientific Revolution**. New York: Cambridge University Press, 1961.

SHELLEY, Mary Wollstonecraft; GUSTON, David H.; FINN, Ed; et al. **Frankenstein: or, the modern Prometheus**: annotated for scientists, engineers, and creators of all kinds. Cambridge, MA: The MIT Press, 2017.